

**OBJECTIVOS DO SOCIALISMO NÃO SÃO COISAS ABSTRATAS:**

**É MAIS COMIDA, MAIS ROUPA, MAIS CASAS, MAIS ESCOLAS...**

- Presidente Samora Machel na abertura dos trabalhos da I Conferência Nacional de Planificação

«Os grandes objectivos do Socialismo não são nem coisas novas para as massas, nem coisas abstractas: são mais comida, mais roupa, mais casas, mais escolas, uma vida cultural rica. Em suma, é melhorar a nossa vida. E é o Partido que, pelo esclarecimento político e ideológico, pela acção e exemplo dos seus militantes, torna concreta e consciente o engajamento das massas na conquista do Socialismo. Na nossa situação actual, isto significa muito claramente que o sucesso da Campanha de Estruturação do Partido é determinante para realizar uma verdadeira planificação socialista» — assim se expressou o Presidente Samora Machel, a dado passo do seu discurso de abertura dos trabalhos da I Conferência Nacional de Planificação que teve lugar na passada quarta-feira e que transcrevemos, a seguir, na íntegra.

**Camaradas membros do Comité Central e do Conselho de Ministros**

**Estimados convidados**

**Senhores delegados**

**Camaradas e amigos**

Faz hoje um ano que nos reunimos com a nossa juventude escolar para lhe fazer o apelo de aceitar sacrifícios para responder rapidamente às necessidades mais prementes do nosso desenvolvimento económico e social. Os jovens que responderam então ao nosso apelo de 8 de Março, na frente da Educação hoje preparam os quadros do nosso progresso de amanhã; outros em escolas de Veterinária, Agricultura, nas Faculdades do nosso País ganham as qualificações técnicas necessárias ao serviço do nosso povo.

Ter-se interrompido o curso habitual dos ciclos escolares; ter-se fixado a cada jovem a tarefa a ser levada a cabo, exprimia uma definição de prioridades, uma organização de meios para se atingirem os objectivos. Igualmente o 8 de Março demonstrou-nos que na realização das metas que nós fixámos, contamos como peça principal o homem consciente e organizado, o homem que assume a missão que lhe compete no plano de conjunto.

Iniciámos pois a I Conferência Nacional de Planificação numa data feliz que simboliza muito do que aqui queremos fazer.

O nosso povo, após dez anos de dura luta conquistou o poder político. Esta vitória desencadeou a nova batalha fundamental, a nova batalha pela transformação da nossa vida. É no campo económico que travamos a batalha principal.

Sob a direcção da FRELIMO, estamos empenhados na transformação da base material da nossa socie-

dade, em tornar o modo de produção socialista dominante no nosso País, de modo a vencer a batalha contra a miséria e a batalha do desenvolvimento.

Como o demonstrou a nossa experiência, quer nos anos da guerra popular, quer mesmo nestes anos de independência, como o têm provado as experiências dos países irmãos, é na planificação, na organização dos recursos humanos e materiais em função dum objectivo, que se encontra a chave da vitória. A planificação é a ferramenta da construção do progresso; a centralização da planificação é uma exigência do desenvolvimento socialista.

Planificar é estarmos organizados, conhecermos com clareza quais são os nossos objectivos, quais são os meios que temos de utilizar para atingirmos esses objectivos; planificar começa por estarmos organizados na base, estarmos organizados no nosso lar, na fábrica, na cooperativa, na aldeia comunal.

Na vida quotidiana conhecemos bem os tristes exemplos da falta de planificação. É o almoço ou jantar queimados porque a dona de casa tem de correr à vizinha ou à tenda, em busca do sal. Se ela fosse organizada, antes de começar a cozinhar, já teria o sal necessário. São obras paradas, com os trabalhadores em estado de inactividade, porque subitamente falta a peça para o camião transportar o cimento.

Planificar não é uma experiência inteiramente nova para nós. A nova vida que começámos a edificar nas zonas libertadas mostrou-nos a poderosa arma que representa a consciência do nosso povo na organização da vida económica e social quando ele sabe o que quer.

Fei assim que, sem dispor de um organismo especial de planificação, se definiram objectivos e metas para cada provincia ou região. Porque? Porque se sentiu que para concretizar o objectivo de libertação

nacional e vencer a guerra cada um devia conhecer, em cada momento, a sua tarefa concreta, estar claro de como a sua tarefa se integrava e contribuía para a vitória final.

A realidade que se vivia nas zonas libertadas assumia três aspectos fundamentais:

1. Uma sociedade consciente de que tem um objectivo a atingir — a independência nacional, consciente dos meios necessários — a luta armada, consciente e conhecedora da parte que lhe cabe, colectiva e individualmente, nesse esforço.

2. A ruptura com o imobilismo e indiferença próprios da sociedade tradicional e de uma forma geral de qualquer sociedade alienada.

Nestas, a vida, o trabalho de cada um limita-se à mera sobrevivência imediata, à produção de necessidade imediata, à alimentação e pouco mais. Cada um não tem uma ideia da relação do seu trabalho com o resto da actividade social.

A sociedade capitalista representa também um grau de alienação semelhante: cada um realiza uma pequena actividade — trabalhar no seu emprego, apertar um parafuso, cavar a sua machamba — sem ter consciência de como o seu trabalho se liga ao conjunto.

3. As necessidades de luta, a exigência de contar com as próprias forças levou cada um a ter que planificar a melhor utilização das suas forças. Isto verificou-se ao nível da província, da aldeia, da base, da escola, mas verificou-se, também, ao nível individual.

Na aldeia cada um levantava-se de manhã sem programa definido. A nova luta, a exigência de nos organizarmos para conquistar um objectivo implicou a necessidade de cada um se programar, de saber o que vai fazer amanhã, de saber o que vai fazer na próxima semana ou no próximo mês. Isto é, viver programado e não viver por viver.

Como nos foi possível a nós, apesar de muitas limitações, vencer um inimigo com um nível técnico de planificação sem dúvida superior?

A grande lição que importa reter é que o esforço de planificação socialista não é apenas um trabalho mais ou menos perfeito de harmonização dos planos de produção.

Isto é, sem dúvida, necessário e importante. Não é possível fazer planificação sem uma acção metódica e paciente.

Mas a grande exigência de planificação é que ela seja um grande movimento popular de tomada de consciência de toda a sociedade de que ela tem um objectivo a atingir e de que se deve organizar para isso. Significa que cada um, integrado nas suas estruturas de trabalho, sabe o que deve fazer e porquê.

A mobilização, o grau de consciência que foi possível atingir durante a luta não surgiram porém abstractamente. Não surgiram automaticamente pelo simples facto de existir colonialismo português em Moçambique.

Foi a FRELIMO que organizou o povo para assumir as exigências da luta ao nível de toda a sociedade e ao nível de cada um.

Pela mobilização de toda a aldeia para organizar

a vigilância, pela mobilização de cada um para saber qual a sua tarefa, para saber que transportar em cima da cabeça aquela caixa de munições, aquele saco de gergelim durante 10 quilómetros era parte da acção geral contra o colonialismo.

Ontem o sucesso da nossa acção estava no facto de que a FRELIMO soube organizar o povo, elevar a sua consciência e dirigi-lo na conquista do grande objectivo traçado: a independência nacional.

Hoje trata-se de saber mobilizar o povo e tornar cada trabalhador, cada moçambicano, consciente da tarefa que lhe cabe na conquista do grande objectivo de criar uma vida próspera e sã para todos, sem exploração, sem fome, sem miséria, numa palavra, construir o Socialismo.

Os grandes objectivos do Socialismo não são nem coisas novas para as massas, nem coisas abstractas: são mais comida, mais roupa, mais casas, mais escolas, uma vida cultural rica. Em suma, é melhorar a nossa vida.

É o Partido que, pelo esclarecimento político e ideológico, pela acção e exemplo dos seus militantes, torna concreto e consciente o engajamento das massas na conquista do socialismo.

Na nossa situação actual, isto significa muito claramente que o sucesso da Campanha de Estruturação do Partido é determinante para realizar uma verdadeira planificação socialista.

Senhores e senhoras  
Camaradas e amigos

Trata-se hoje de organizar a nossa vida ao nível de todo o país.

É uma grande acção que começa com pequenas coisas.

Hoje necessitamos de saber o que é que uma família precisa. Quanto milho gasta por semana, quanta carne, quanto pão consome por ano. Sem isso não saberemos o que produzir nesta fábrica, o que exigir daquela machamba, não conheceremos que metas fixar para a produção, quantos homens, quantas enxadas, quanto combustível, quantas sementes serão indispensáveis para realizarmos o que queremos.

Este esforço de inventariação e organização é a essência do nosso trabalho de planificação e é o ponto de partida para a satisfação das necessidades fundamentais do nosso povo.

Conhecer e organizar a base, mas também o conjunto. Não basta planificar e organizar a produção de uma aldeia comunal. A produção e a vida da aldeia comunal está ligada a toda a Nação. A aldeia comunal dá milho, girassol, feijão, castanha de caju e outros produtos. A aldeia comunal recebe em troca tecidos, instrumentos de produção, açúcar, chá e outros bens e serviços. É necessário por isso planificar realidades mais vastas.

As fábricas também não estão isoladas. O trabalho de uma fábrica deve estar ligado aos objectivos e às necessidades da Nação. A fábrica para trabalhar precisa de matérias-primas que lhe são fornecidas por outros sectores. Uma fábrica precisa, para os seus produtos, de embalagens que lhe são fornecidas por outras fábricas.

Os vários sectores económicos são interdependentes. É necessário, por isso, planificar aos diversos níveis, da base ao topo, para garantir a harmonia máxima no processo produtivo, garantir que os bens de consumo e os instrumentos de produção estejam onde forem necessários, no momento oportuno.

A planificação que pretendemos é uma condição essencial para dirigir a economia. Isso significa que é necessário planificar a todos os níveis, que é necessário garantir um equilíbrio entre todos os sectores. Falharemos se quisermos planificar as regiões ou sectores isolados uns dos outros.

Após a conquista da independência nacional, demos os primeiros passos na planificação de alguns sectores económicos e sociais.

Não fomos capazes de avançar de imediato e de maneira sistemática para a planificação de toda a economia porque tivemos que enfrentar uma situação económica caracterizada pelo caos, anarquia e sabotagem e um Aparelho de Estado colonial virado para defender os interesses das classes exploradoras, concebido para gerir o capitalismo, que não servia nem serve para dirigir e planificar a economia no interesse do nosso povo.

A aplicação das sanções determinadas pela comunidade internacional contra a colónia britânica da Rodésia do Sul e a preparação das Directivas Económicas e Sociais do III Congresso da FRELIMO, exigiram um esforço de análise e conhecimento da situação económica e social do nosso País e maior clareza nos objectivos a atingir nesses sectores a curto e médio prazos.

Logo após o III Congresso, numa situação particularmente crítica do abastecimento, criámos a Comissão Nacional de Abastecimento.

Pela sua acção essencialmente planificadora, a Comissão Nacional de Abastecimento constituiu a primeira tentativa de ultrapassar, embora apenas num sector concreto da nossa economia, o departamentalismo e o burocratismo. A sua acção, contudo, mostrou-nos uma vez mais que só uma planificação global da economia permite a correcta solução dos problemas pontuais.

Na Reunião de Nacala, concluímos da importância de clarificar os níveis de competência e de responsabilidade na direcção e planificação da economia. Foi definida a necessidade de se estabelecerem dois níveis de planificação: o central e o local. Concluiu-se que na fase actual o distrito deve constituir a unidade administrativa base da planificação.

A experiência de preparação e harmonização dos Programas dos Ministérios para 1977 confirmou definitivamente a necessidade de avançarmos na elaboração de um programa de produção e de utilizarmos novos e eficazes métodos de trabalho, que assegurem a efectiva implementação e controlo dos programas elaborados.

A preparação do programa de 1978 possibilitou, pela primeira vez, que milhares de trabalhadores participassem activa e directamente na discussão dos

planos de produção das suas empresas, permitindo-lhes conhecer o volume de matérias-primas necessárias, a quantidade a produzir e as formas de escoamento da produção.

Senhores e senhoras  
Camaradas e amigos

O nosso desenvolvimento económico e social é um processo global que abarca toda a nossa realidade. A nossa acção tem que ser caracterizada por uma profunda unidade.

Assim, o Aparelho de Estado terá ele também que se caracterizar por uma profunda unidade nos objectivos e na acção.

Os órgãos de direcção no Aparelho de Estado e nas unidades de produção são, a todos os níveis e em todos os sectores, directamente responsáveis pela planificação das actividades.

Para além do Estado, as organizações democráticas de massas desempenham também um papel fundamental na organização e planificação da nossa economia. Nesta nova fase de direcção da economia em que vamos entrar, as suas responsabilidades aumentarão também.

Os conselhos de produção são uma das formas de materializar o papel dirigente da classe operária. Torna-se por isso necessário que, nesta fase, os conselhos de produção mobilizem os trabalhadores para a elevação dos seus conhecimentos científicos e técnicos de modo a dominarem, cada vez melhor, o processo produtivo.

Mas há ainda obstáculos a vencer, para realizarmos a planificação integral de todo o nosso desenvolvimento económico e social. A primeira dificuldade que se nos depara é a de que não conhecemos, no concreto, a nossa realidade.

Devemos todos capacitar-nos de que conhecer a nossa realidade económica e social é uma condição necessária para a implementação de um sistema de direcção planificada da nossa sociedade.

O III Congresso da FRELIMO estabeleceu que em 1980 deveremos realizar o primeiro censo da nossa população. Mas até lá deveremos recolher todas as informações estatísticas que estiverem ao nosso alcance. Só assim é que poderemos harmonizar, à escala do nosso país, as nossas necessidades com as nossas capacidades.

Senhores e senhoras  
Camaradas e amigos

Reunimo-nos para, com base na experiência que temos de planificação, contribuírmos para a criação de uma Comissão Nacional de Plano correctamente ajustada às necessidades nacionais, solidamente enraizada na nossa prática revolucionária.

A Comissão Nacional do Plano é a pedra fundamental no processo de implementação da planificação da nossa vida. A ela competirá, em particular, a responsabilidade da preparação dos Planos de Desenvol-

vimento Económico e Social da República Popular de Moçambique que, fundamentando-se nas directivas do Partido, irão estabelecer, detalhadamente, os objectivos concretos a atingir em cada etapa, as prioridades e a organização dos meios para a realização dos fins em vista.

Vimos já que a base dos nossos processos não depende apenas da qualidade técnica dos trabalhos. O factor principal em todas as nossas realizações, o autor, o agente, o objectivo é o homem. É na medida em que este assume a sua tarefa, que está em condições de aceitar os sacrifícios necessários para a realizar.

O sucesso do Plano, o sucesso do trabalho da Comissão Nacional do Plano repousa também e de maneira muito importante na participação activa dos trabalhadores: em todas as fases do Plano. Nas suas unidades de trabalho, eles devem, de uma maneira dinâmica, contribuir para a elaboração do Plano, para que possam conscientemente engajar as suas energias na execução do Plano e se sintam responsáveis pelo controlo e sucesso do mesmo.

É assim que no conteúdo e na forma a planificação socialista é popular e se demarca da planificação capitalista que se contenta em, nas unidades de produção, impor objectivos aos trabalhadores que se traduzem em normas a cumprir mecanicamente, para maior benefício dos accionistas.

O Plano é um instrumento da consolidação do nosso poder político, do poder dos operários, dos camponeses, dos trabalhadores em geral, reforçando o nosso poder económico pelo desenvolvimento do sector estatal e cooperativo da economia, pela implantação das relações socialistas de produção. O Plano é um meio principal de transformação da base económica e social da nossa vida. Ele define as tarefas concretas que temos de realizar no campo da industrialização socialista com base na indústria pesada, na socialização da agricultura e sua mecanização.

O Plano é o resultado do poder da aliança operário-camponesa e constitui, ele próprio, um reforço dessa mesma aliança, pelo estabelecimento de relações de cooperação entre o campo e a cidade, assegurando ao camponês a possibilidade de obter as enxadas, as charruas, os panos, os produtos industrializados, ao mesmo tempo que garante ao operário os bens alimentares, as matérias-primas para trabalhar, em quantidade e qualidade.

O Plano define os objectivos a atingir, não só para a globalidade da economia mas para cada unidade de produção, para cada trabalhador. A partir daí pode-se controlar efectivamente o trabalho realizado, pode-se mobilizar um esforço suplementar, fundado na consciência dos trabalhadores, com o objectivo de ultrapassar as metas fixadas, fomentando-se assim o espírito de emulação socialista.

É ainda neste quadro que se pode apreciar cientificamente o desenvolvimento da produtividade de cada sector de trabalho, de cada trabalhador, definir os critérios objectivos para materializar o principio de «cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo o seu trabalho». Deste modo é possível premiar ou penalizar os diferentes sectores de trabalho

e cada trabalhador, retribuindo justamente o esforço de cada um.

Uma das tarefas de maior importância na fase inicial em que nos encontramos é a da eliminação de certos obstáculos que bloqueiam o desenvolvimento de sectores fundamentais.

Não podemos pedir à Angónia um esforço de aumento da produção de batata ou de pêssegos; não podemos exigir a Chimoio que redobre energias para aumentar a quantidade e melhorar a qualidade dos citrinos, não nos podemos voltar para a Zambézia para aumentar a produção de carne, se finalmente todo esse esforço vai resultar no apodrecimento dos produtos, por falta de armazenamento e transporte. Produzir para deixar os produtos a apodrecer aumentam os custos de produção e desmobiliza os trabalhadores.

Igualmente, se queremos incentivar o sector familiar a aumentar a produção, temos que garantir o escoamento dos excedentes obtidos e a possibilidade da população melhorar a sua vida graças a esse esforço, por encontrar na loja a capulana e o açúcar, os sapatos e a bicicleta.

As pessoas trabalham para melhorar constantemente a sua vida, redobram esforços quando estão seguras dos resultados desse esforço.

A resolução urgente dos nós de estrangulamentos representados pela falta de Transportes, falta de capacidade de armazenamento e de comercialização, permite, no imediato, a criação de grandes excedentes da nossa agricultura.

Esta libertação é fundamental para diminuir os encargos do país na importação de produtos que somos capazes de produzir e produzimos, é fundamental ainda para aumentarmos as exportações daquilo que produzimos em excesso. Não há razão para dispendermos mais de dois milhões de contos em divisas para a importação de arroz, milho, trigo, batata, cebolas, quando alguns destes produtos apodrecem em regiões do nosso País e outros estamos em condições de produzir.

Edificar as aldeias comunais é a palavra de ordem dominante. E desenvolvendo e consolidando as Aldeias Comunais existentes, é organizando a população dispersa em Aldeias Comunais que a curto prazo e sem grandes investimentos podemos aumentar rapidamente a produção. E nelas que se encontra a via da socialização do mundo rural e da futura industrialização da nossa agricultura.

O desenvolvimento do mundo rural exige a organização, consolidação e ampliação das empresas estatais agrícolas e o desencadeamento organizado do movimento cooperativo agrícola.

Isto implica também uma política adequada de créditos da nossa Banca orientada para o incremento da produção agrícola.

É com a acumulação realizada na expansão da produção agrícola que financiaremos a criação e desenvolvimento dos sectores chave da nossa economia.

Neste período devemos terminar os estudos e iniciar a realização dos Grandes Projectos definidos pelo III Congresso. Trata-se de ampliar o regadio no Vale do Limpopo, iniciar os trabalhos para a barragem do Mapai, implantar os complexos agro-pecuários da

Angónia e do Niassa.

No campo da indústria temos de passar à fase da realização dos projectos da indústria do papel, do desenvolvimento da indústria têxtil, o aumento da produção de carvão e iniciar a construção da fábrica de camiões.

Paralelamente deveremos aproveitar ao máximo a capacidade da nossa indústria ligeira em especial a indústria transformadora e de apoio ao sector agrícola.

Assim criaremos as condições para que na década de oitenta possamos passar à fase da construção da indústria pesada, factor principal do desenvolvimento, rumo ao Socialismo.

Outro grande problema do nosso desenvolvimento é a nossa carência em quadros técnicos qualificados. Temos consciência de que só daqui a alguns anos as nossas escolas e Universidades produzirão os quadros necessários.

Para quando as nossas escolas, as nossas Universidades? A resposta está na planificação. A resposta está na estruturação do Partido. A resposta está na organização da nossa vida, na definição dos objectivos e dos métodos. Aí está a resposta.

Eu sou muito optimista quando digo, na década de oitenta. A União Soviética, primeiro Estado Socialista, celebrou o seu sexagésimo aniversário. Quantos Estados socialistas celebraram o trigésimo e outros por celebrar, ainda? Finalmente, nós começámos por onde? Por um Estado primitivo...

Mas o processo do nosso desenvolvimento económico constitui ele próprio uma forja de novos quadros que importa considerar e valorizar. Criando a fábrica, construindo a indústria pesada, avançaremos rapidamente. A indústria pesada é o produtor da consciência; é o produtor do proletariado. Por isso, avançaremos depressa e assim construiremos as escolas.

Mas alguns dirão: «Quem vai construir a fábrica? Quem vai dirigir a fábrica, se até aqui não somos capazes de dirigir uma fábrica que produz óleo para cozinha? Quem o vai fazer, se até aqui não somos capazes de abrir um pequeno canal para o regadio?». Sabem onde está a resposta? Na FRELIMO. Primeiro, o que éramos há três, quatro anos atrás? Éramos colonizados, não é verdade? O que éramos há três anos atrás? Éramos ignorantes, ignorantes da nossa própria força. Não conhecíamos a nossa capacidade. Quem nos disse que é preciso fazer um Plano? Alguém veio dizê-lo? Foi a FRELIMO. Toda a resposta está com a FRELIMO. Porquê? Vocês sabem porquê...

Senhores e senhoras  
Camaradas e amigos

O dia 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, constitui em todo o Mundo uma jornada de luta e afirmação da igualdade da mulher perante o trabalho e a sociedade. Ao saudarmos em primeiro lugar as

mulheres aqui presentes e através delas as mulheres de todo o Mundo, estamos a afirmar a nossa convicção de que o processo da Revolução Socialista é um processo de libertação, um processo da transformação da nossa vida. Caberá à Mulher moçambicana uma parte importante na realização das tarefas a serem fixadas por esta Conferência ao nosso povo.

Beneficiamos nesta nossa reunião do apoio fraternal dos países socialistas e de outros países que conosco se engajam na batalha rumo ao Socialismo.

A presença de importantes delegações da União Soviética, da República Democrática Alemã, da República de Cuba, da República Democrática da Coreia, da República Popular de Angola, da República Unida da Tanzânia e da República de Cabo Verde, testemunha que não estamos sós na batalha pela construção do Socialismo, que não estamos sós no combate para construirmos uma das suas ferramentas indispensáveis que é o Plano Socialista.

Beneficiámos já, na preparação desta reunião, das ricas experiências que nos trouxeram os nossos camaradas de combate, que no processo de construção do Socialismo nos seus países tiveram que superar problemas e obstáculos em muito semelhantes aos nossos. Estamos seguros que na elaboração científica do nosso Plano, na organização dos mecanismos da Comissão Nacional do Plano, continuaremos a beneficiar do seu apoio.

Queremos saudar calorosamente os delegados presentes, tanto das estruturas centrais como provinciais, do Partido, do Estado e das Organizações Democráticas de Massas. As experiências que nos trazem de organização e edificação da vida económica e social, nos mais diversos pontos do país, constituem um valioso contributo para o sucesso desta Conferência.

Ao realizarmos esta I Conferência Nacional de Planificação, seguimos a nossa tradição de nos reunirmos periodicamente para sintetizar as nossas experiências, para valorizá-las com os aspectos mais relevantes das experiências de outros povos.

Esta Conferência será, pois, para todos nós, uma escola. Daqui sairemos mais ricos, faremos da experiência de cada um a experiência de todos nós. São pequenas e grandes experiências, que sintetizadas gerarão o pensamento comum que nos dará a capacidade para realizarmos as novas tarefas que o momento exige.

O nosso povo demonstrou já a sua energia e capacidade. A nossa tarefa é preparar o Plano, fornecer o instrumento para que as energias e capacidades se organizem na construção de uma vida próspera para os homens, mulheres e crianças da nossa Pátria.

**PLANIFIQUEMOS A PRODUÇÃO PARA MELHORARMOS A NOSSA VIDA, RUMO AO SOCIALISMO.**

**A Luta Continua!  
O Socialismo Vencerá!**

(De: "Notícias", Maputo, 1978-03-12)